

ONDE ESTAVA EU NO *25 DE ABRIL*? NO LOCAL CERTO E À HORA CERTA

Wladimir Brito

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.176.3>

1. No quartel da Figueira, onde cheguei no Outono de 1973, já estava o Jaime Gama. Pouco tempo depois do golpe das Caldas, chegaram ao CICA os aspirantes Remédio e, logo a seguir, o capitão Sousa Ferreira e o aspirante Ramos. No RAP2 era colocado o capitão Diniz de Almeida. Forma-se assim o núcleo duro que irá ocupar os dois Quartéis da Figueira da Foz – RAP2 e CICA2 – na madrugada do dia 25 de abril de 1974.

2. Certo dia, cerca de dez ou quinze dias antes do *25 de Abril*, estando eu de oficial dia, por volta das 17h30m/18 horas, entrou no CICA2 o capitão Diniz de Almeida, que se dirigiu ao bar dos oficiais onde me encontrava, dirigindo-se a mim para me perguntar se era eu o

Wladimir Brito, pois queria falar comigo. De imediato, começou por me dizer que “lá em baixo” (Lisboa) tinham-lhe dito para falar comigo por saberem que eu tinha sido expulso da Universidade de Coimbra e incorporado no exército. Apercebendo-me que a conversa seria política, e estando no bar o soldado que aí servia, pedi ao capitão que me acompanhasse ao Gabinete do Oficial e Dia para aí falarmos. Chegados ao Gabinete, disse ao capitão Dinis de Almeida que a conversa não devia ter sido iniciada no bar pois não sabíamos se o soldado era ou não informador da PIDE/DGS, cautela que a minha experiência de clandestinidade em Coimbra me impunha em todas as situações. É então, já no Gabinete, que o Capitão Diniz de Almeida me informou das movimentações de um grupo de oficiais e me disse que, na devida altura, eu seria contactado. Falou-me do golpe das Caldas, da guerra colonial, para, de seguida, me perguntar se havia malta “porreira” no quartel, e para me dizer que, estando ambos na Figueira da Foz, nos iríamos encontrando para conversar.

3. Na semana anterior à do *25 de Abril*, o capitão Sousa Ferreira falou-me das reuniões dos militares, disse-me que ia participar numa em Coimbra, tendo eu ido com ele até essa cidade para lhe indicar onde era o quartel onde ia decorrer a reunião. Informou-me ainda que, mais dia menos dia, algo de importante seria feito pelos militares.

4. De facto, no dia 24 de abril, pouco antes do almoço, o capitão Sousa Ferreira informou-me que nessa madrugada iria haver um movimento militar para derrubar o regime e restabelecer a liberdade, tendo pedido para eu lhe indicar os oficiais que eu entendia serem de confiança para participar no movimento. De imediato, falei-lhe no Jaime Gama, no Remédio e no Ramos e, mais tarde, foi indicado o aspirante Domingos. Autorizado por esse Capitão, contactei esses oficiais, informando-os que pelas 14h30 haveria uma reunião preparatória das operações militares no seu gabinete.

5. Nessa reunião este capitão informou-nos da existência e dos objetivos do MFA, entre outros, o derrube do regime fascista na

madrugada do dia 25, por ação de um movimento militar, para a restituição da Liberdade ao povo português; que seriam criadas as condições para o fim da guerra colonial e para a discussão da independência das colónias. Disse-nos ainda que, emitida a senha, o Movimento iniciaria o golpe militar e que o processo seria irreversível, quaisquer que fossem as consequências, pelo que tínhamos de dar a nossa palavra de que não recuaríamos, o que fizemos. Falou-nos das senhas e do modo como deveriam ser ouvidas. Informou-nos, também, que o Senhor General Costa Gomes seria escolhido para dirigir a Junta de Salvação Nacional. De seguida, entregou-nos cópia da declaração que iria ser lida na rádio pelo MFA (que se pode ler no final deste texto) e distribuiu tarefas operacionais aos oficiais presentes.

6. Foi-me atribuída a tarefa de sintonizar o rádio na Rádio Renascença, aguardar pela emissão da senha – Grândola Vila Morena –, tomar o Centro de Comunicações do CICA2 e controlar todas as comunicações do e para o Quartel. No momento em que o locutor dava início ao anúncio da senha e se começava a ouvir Grândola, aumentei o volume do aparelho de rádio por forma a que os “conspiradores” pudessem ouvir a senha e, de imediato, fiz sinal ao Gama e ao Remédio para saírem da sala e se preparem para o início do Movimento político-militar, o que fizeram juntamente com os outros oficiais que tinham assumido o compromisso de participar no Movimento.

7. O capitão Sousa Ferreira assumiu o comando das operações e, com a sua autorização, eu e o aspirante Domingos, sob o meu comando, demos início à primeira operação militar no CICA 2, tomando o centro de comunicações do Quartel e, com a ajuda dos militares que aí operavam, iniciámos o processo de controlo e de empastelamento das comunicações militares e policiais. O Gama, o Remédio e o Ramos, sob o comando do capitão Sousa Ferreira, informavam os soldados do início e dos objetivos do movimento para os levar a nele participar, ao mesmo tempo que eram dadas ordens para os condutores colocarem os camiões e *jeeps* na parada. Os veículos encheram-se de militares e formaram uma coluna que se dirigiu para Lisboa,

passando por Peniche, sob o comando do capitão Rocha dos Santos e com o aspirante Domingos.

8. Depois do *25 de Abril*, fui colocado no RAP2 como oficial assessor político do comandante, Coronel Viegas, onde fiquei até ser desmobilizado.



*Oferecido ao 15.º Congresso
dia 24/4/76, durante a
discussão de plano de operações
e dos actos de desarmamento
e levar a cabo no artigo 2.º,
no modo seguinte como dia.*

PROCLAMAÇÃO DO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS

Considerando que, ao fim de treze anos de luta em terras do Ultramar, o sistema político vigente não conseguiu definir, concreta e objectivamente, uma política ultramarina que conduza á paz entre os Portugueses de todas as raças e credos;

considerando o crescente clima de total afastamento dos Portugueses em relação ás responsabilidades políticas que lhes cabem como cidadãos, em crescente desenvolvimento de uma tutela de que resulta constante apelo a deveres com paralela denegação de direitos;

considerando a necessidade de sanear as instituições, eliminando do nosso sistema de vida todas as ilegitimidades que o abuso do poder tem vindo a legalizar;

considerando finalmente que, o dever das Forças Armadas é a defesa do País, como tal se entendendo também a liberdade cívica dos seus cidadãos;

O Movimento das Forças Armadas, que acaba de cumprir com êxito a mais importante das missões cívicas dos últimos anos da nossa História, proclama á Nação a sua intenção de levar a cabo, até á sua completa realização, um programa de salvação do País e de restituição ao Povo Português das liberdades cívicas de que vem sendo privado. Para o efeito, entrega o Governo a uma Junta de Salvação Nacional a quem exige o compromisso, de acordo com as linhas gerais do Programa do Movimento das Forças Armadas que, através dos órgãos informativos, será dado a conhecer á Nação, de no mais curto prazo consentido pela necessidade de adequação das nossas estruturas, promover eleições gerais de uma Assembleia Nacional Constituinte, cujos poderes, por sua representatividade e liberdade na eleição, permitam ao País escolher livremente a sua forma de vida social e política.

Certos de que a Nação está conosco e que, atentos os fins que nos presidem, aceitará de bom grado o governo militar que terá de vigorar nesta fase de transição, o Movimento das Forças Armadas apela para a calma e civismo de todos os Portugueses e espera do País adesão aos poderes instituídos em seu benefício.

Saberemos deste modo honrar o Passado no respeito pelos compromissos assumidos perante o País e por este perante terceiros. E ficamos na plena consciência de haver cumprido o dever sagrado da restituição á Nação dos seus legítimos e legais poderes.